

Entrevista com Peter Henry Fry

Por Sergio Luis Carrara e Silvia Aguião

Fevereiro de 2011



(2005).

Graduado em Antropologia Social pela Cambridge University e doutor em Antropologia Social pela University of London. É Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnografia Africana. Publicou, entre outros, *Para Inglês Ver: identidade e cultura na sociedade brasileira* (1982) e *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*

Como você começou a trabalhar com questões relacionadas a sexualidade e direitos?

Eu cheguei ao Brasil em 1970. Sabia que havia um governo militar, mas não sabia, de fato, a natureza dele. Eu dava aula em Campinas, com colegas que ou tinham se envolvido com a política estudantil ou que tinham amigos envolvidos; era um ambiente muito carregado e altamente politizado: todos os amigos tinham um envolvimento político muito articulado. Eu, como estrangeiro, não podia me envolver em nada disso. Aliás, eu nem poderia perguntar o que significava PALOP ou VAR-Palmares, por exemplo. Como estrangeiro, não poderia me envolver em política. Mas foi nessa época que começam mesmo a decolar no mundo, em geral, os movimentos homossexuais. E havia uma organização nos Estados Unidos que se chamava *Gay Academic Union*. Me interessei por essa coisa e pensei: “Bom, se eu não posso fazer política – política de partidos e tal –, pelo menos posso me envolver nessa questão de direitos dos homossexuais”. Depois, em 1973, soube que ia haver uma sessão sobre homossexualidade na American Anthropological Association¹ e decidi que era lá onde eu ia começar, mas não sabia o que fazer. Acontece que já sabia um pouco do Brasil,

¹<http://www.aaanet.org>

havia aquele sketch do Painho, do Chico Anysio. A Anaíza², minha aluna, escrevia sobre o batuque de Belém, e falava muito sobre a “bichice” dos seus amigos lá, do batuque de Belém – isso também está presente no livro dos Leacocks³ sobre o batuque de Belém. Catei o que tinha: aquele artigo famoso da Ruth Landes sobre Salvador⁴ e um longo ensaio do René Ribeiro sobre o candomblé⁵ – evidentemente, havia uma relação entre homossexualidade masculina e os cultos afro-brasileiros. Também visitei Salvador, conheci Vivaldo da Costa Lima⁶ – que me confirmou essa relação –, foi uma amizade duradoura. Ele morreu, faz um mês mais ou menos.

Combinei com a Anaíza de passar o mês de julho, nas férias, em Belém. Fomos de ônibus até Brasília e de Brasília a Belém, pela Transamazônica. Fomos primeiro a Marabá, que é a cidade natal da Anaíza. Ficamos lá alguns dias e fomos a Belém. A Anaíza me apresentou ao tesoureiro / secretário da associação de cultos afro-brasileiros chamado Cruz que, muito delicado, me convidou para ficar na casa dele, numa das baixadas lá em Belém⁷. Através do Cruz fui correndo pelos terreiros, conversando com os pais, filhos e mães-de-santo, durante um mês. E fiquei impressionado, porque ficou claro para mim que havia uma relação mesmo entre uma coisa e outra. As histórias que os pais e mães-de-santo me contaram eram muito parecidas com as que a Ruth Landes tinha reportado sobre Salvador tantos anos antes, sobre a ideia de que através desse nicho social você adquiriria prestígio, status. Bom, o resto você sabe. Isso deu origem a um artigo que eu apresentei nessa reunião.

² Anaíza Vergolino, professora da UFPA e autora da dissertação *O tambor das flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros no Pará*, defendida em 1976 na Unicamp, sob a orientação de Peter Fry.

³ LEACOCK, S. & LEACOCK, R. *Spirits of deep: A Study of an Afro-Brazilian Cult*. New York: Doubleday Natural History Press, 1972.

⁴ LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

⁵ RIBEIRO, René. *Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

⁶ Vivaldo da Costa Lima foi um dos fundadores do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia. Seus estudos sobre a cultura africana na Bahia são pioneiros, juntos com os de Pierre Verger.

⁷ Em Belém e em outras partes do Pará, o termo “baixada” é usado em referência a comunidades pobres; algo que em capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo poderia ser denominado “favela”.

Em 73?

74. Essa reunião precisava ser lembrada – eu não tenho uma memória muito boa, e não lembro o nome do americano com quem fiz amizade. Era uma pessoa muito engraçada, que também estava envolvida com o *Gay Academic Union*. Nesta sessão – vou te contar isso porque diz respeito a mim e também aos estudos desse tipo –, a primeira pessoa a falar, também não lembro o nome, ia falar sobre São Francisco. E começou dizendo que era militante de São Francisco, gay, e que ia falar sobre gays em São Francisco, como se isso fosse um passaporte necessário. Acho que essa foi a primeira vez em que eu vi o que depois ia virar uma tendência; fiquei pensando e deduzi que era uma situação estranha. Na hora das perguntas, eu levantei e disse assim: “Se eu seguir o argumento do senhor, vou ter que queimar 99% da Antropologia, porque Malinowski não era trobriandês etc. etc.”. Aí ele deduziu que eu era heterossexual e, com essa dedução, “malhou” meu paper. Aprendi uma coisa sobre mim, porque eu achava ridícula essa postura – e até hoje acho triste – de que a Antropologia acha que você pode só estudar a si mesmo, uma espécie de solipsismo total.

Que no fundo...

É essa conclusão lógica de que você sempre fala de sua própria vida. E também eu achava que era a negação da disciplina, do encontro, do espanto, chegando exatamente à negação. Falando nisso, eu li de novo a tese da Carmita⁸. A Carmita é muito interessante escrevendo sobre isso.

Mas o que era exatamente essa associação?

A *Gay Academic Union*? Era uma associação de gays reivindicando especificidades.

Mas eram gays que estavam inseridos na academia de alguma forma? Eram antropólogos?

Não, acho que nem todos. Tenho algumas coisas em casa sobre isso. Mas era uma associação de gays dentro da academia; não sei o que reivindicavam. Eu achava que poderia tirar um ano sabático e virar militante desse *Gay Academic Union*. Mas aconteceu que tive um encontro com um jovem inglês da London School of Economics chamado Gary Nigel Howe, que era uma pessoa muito inteligente e com uma percepção

⁸ GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

sociológica aguda. Ele estava muito bem versado no interacionismo simbólico americano e era seguidor de Howard Becker, então me botou para ler com cuidado essas coisas. Foi quando me dei conta de que este “homossexual” que achava que era universal, não era. Foi uma espécie de conversão. Eu me dei conta do que se chama de construtivismo, e isso ficou comigo. Assim sendo, impossibilitou a política, porque ela implica em essencialismos e em uma série de posturas que eu já não conseguia mais ter. E isso criou problemas – acho que é o mesmo problema que acontece quase sempre com uma certa Antropologia. Se você vai num centro de umbanda e diz que não acredita em possessão, as pessoas ficam perplexas. Vai num grupo de homossexuais e diz que “homossexual” é uma invenção; não dá. Mas também é muito difícil sustentar essa posição, porque é uma posição anti-política, eu acho. A mesma coisa aconteceu quando o *Somos*⁹ começou em São Paulo e o Edward¹⁰ foi escrever sobre o *Somos* – o Edward já infectado, um pouco, pelo “vírus”...

Isso foi em 78...

Foi? Não sei. Mas vou falar de mim: escrevi sobre isso, mais alguns artigos. Escrevi um artigo, aquele que se chama *Da hierarquia à igualdade*¹¹, e apresentei esse artigo no Museu, no final da década de 70 ou início de 80. Foi esse artigo que me valeu um convite para dar aula no Museu, sabia disso?

⁹ SOMOS - GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL. Fundado em 1978 e considerado pioneiro na militância política homossexual no Brasil. (para saber mais: MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990).

¹⁰ Antropólogo, defendeu em 1986 a tese *O Militante Homossexual no Brasil da Abertura, uma etnografia a respeito dos movimentos sociais na década de 70*. Atualmente é professor do Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia e pesquisador associado do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas. Algumas publicações: *A Construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Editora Unicamp, 1990; em co-autoria com Peter Fry, *O que é homossexualidade*. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991; em co-autoria com Julio Simões, *Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas*. 2. ed. Salvador: EDUFBA/CETAD, 2004.

¹¹ FRY, Peter. “Da hierarquia à igualdade”. In: FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Você fala dessa questão da política como se você margeasse um pouco a política. Você diz: “No momento era impossível fazer política”. Mas ao mesmo tempo, a política ronda o tempo todo o trabalho. Não só o trabalho, porque o *Lampião*¹² foi...

Sim, o *Lampião*. O *Lampião* foi incrível, porque eu já tinha publicado esse artigo sobre os pais-de-santo. Alguém deve ter lido, não sei se foi Aguinaldo¹³. Eu recebi esse convite para ir numa reunião e pensar um jornal. Fiquei estático, porque para mim, estrangeiro, escondidinho lá em Campinas, ser convidado para uma coisa de tamanha importância; fiquei absolutamente estático. Fui à reunião na casa do Darcy Penteadado¹⁴, lá estava toda a plêiade.

Os cariocas também?

Os cariocas também. Adão Costa, Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva, João Antônio Mascarenhas e, é claro, os paulistas, como o João Silvério Trevisan e o Jean-Claude Bernardet, que eu não conhecia¹⁵. Estava lá também o Winston Leyland¹⁶. Fiquei felicíssimo em poder participar do jornal, porque, na minha acepção, você poderia participar de um jornal sem se definir politicamente; não tinha que ter uma posição. O *Lampião* teve uma posição mais tarde, que não seria a minha, mas participar de um jornal era exatamente o que eu achava perfeito – você poderia dizer o que quisesse. Eu achei que tivesse escrito para o *Lampião* um artigo chamado *Ser ou estar, eis a questão*, mas não. Descobri que publiquei no Folhetim, da Folha de São Paulo. Isso foi talvez em 80, porque o *Lampião* acabou em 82.

Você saiu antes do fim do jornal?

Não, tanto que fui interrogado junto com todo mundo.

¹² Jornal *O Lampião da Esquina*, considerada a primeira publicação voltada para o público homossexual no Brasil, circulou no período entre 1978 e 1981 (ver mais em: FERREIRA, Carlos. “Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina”. *Revista Alterjor – ECA-USP*. Ano 1., Vol.1, ed.1. Jan-dez 2010. Disponível: http://www.usp.br/alterjor/Ferreira_Lampiao.pdf, acesso em agosto de 2010).

¹³ Aguinaldo Silva, dramaturgo, escritor e jornalista brasileiro.

¹⁴ Darcy Penteadado, pintor e pioneiro dos movimentos LGBT brasileiro, A idéia para a criação do jornal O Lampião teria surgido em dos encontros em sua casa.

¹⁵ Além de Aguinaldo Silva e Darcy Penteadado, Adão Costa, Francisco Bittencourt, João Antonio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Jean Claude Bernadet participaram da fundação do jornal O Lampião.

¹⁶ Então editor do Gay Sunshine, periódico gay norte-americano.

Isso aconteceu onde, exatamente?

Na Polícia Federal do Estado de São Paulo, naquele prédio de tijolo vermelho. Eu fui depois – os demais foram todos juntos; acho que eu estava em Nova York. Quando voltei, tive que me apresentar sozinho. Quem foi comigo foi o Luís Eduardo Greenhalg, o advogado dos Direitos Humanos que defendeu muitos presos políticos. Achava que nos éramos vítimas de perseguição política. Ele achava que nós éramos equivalentes a presos políticos e cuidava da gente. Foi ótimo, porque a entrevista foi horrível – o delegado estava quase insinuando que eu havia chegado para corromper o Brasil, quando de fato era o contrário. Isso foi barra pesada, depois me levaram numa chapa fria. E o Greenhalg gritou de cima: “Peter, quando chegar, me ligue, pelo amor de Deus”. Depois ele me disse que gritou porque achava possível que eu desaparecesse.

Mas o *Lampião* não desapareceu aí...

Não, fechou por outras razões.

Isso foi em que ano, você se lembra?

O *Lampião* fechou em 82, eu acho. É fácil descobrir, tem no site daquele grupo gay de Curitiba¹⁷. Eu não lembro nada de datas, mas deve ter sido em 81 ou 82, porque depois disso resolvi me naturalizar. Eu achava que não era possível me meter em política e correr sempre o risco de ser expulso, então entrei com um pedido de naturalização, que saiu em 82. Foi nessa época que o *Lampião* fechou.

A gente está falando dos anos 70, início dos anos 80. Em algum momento, você comentou comigo que esteve no Instituto Kinsey.

Estive. Eu pensei: “Vou me informar, vou escrever sobre sexualidade”. Então eu fui, lá eu conheci aquela moça simpaticíssima que depois ficou famosa, a Carole Vance¹⁸. Nós fizemos juntos esse curso no Instituto Kinsey, em Bloomington. Não me lembro em que ano foi, deve ter sido em 78 ou 79, por aí. Foi muito incrível.

¹⁷ Grupo Dignidade (<http://www.grupodignidade.org.br>)

¹⁸ Professora do Departamento de Ciências Sociomédicas, Escola de Saúde Pública da Universidade de Columbia. Publicou “A antropologia redescobre a sexualidade”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, p. 7-32, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf>

O Somos já existia nesse momento? A Carole Vance fala desse seminário em um artigo que foi publicado na *Physis*¹⁹...

É verdade, ela escreveu sobre esse seminário. Foi incrível, nós não aprendemos nada. A única coisa que nós aprendemos foi sobre a sexologia dos Estados Unidos, porque era um curso para sexólogos, e não para acadêmicos. Fomos quase expulsos, porque fizemos muita piada. Mas pelo menos a gente conheceu Gerhard, companheiro de Kinsey. Além disso, aconteceu uma coisa interessantíssima: veio um cara que escreveu um livro sobre homossexualidade em São Francisco; um livro de sociologia cheio de números, que apresentava tabelas e mais tabelas: num eixo, tinha sexualidade e, no outro, “hispanico”, “negro” etc. No final, perguntei se ele tinha as mesmas tabelas com diferenças de classe. Sabe o que ele respondeu? “Estou ouvindo um sotaque britânico?”, como se apenas os ingleses pensassem em classe. Eu disse: “E se fosse alemão?”, mas ele não entendeu.

Estava pensando na questão de direitos e agora você põe a questão da classe. A questão do poder e da classe vem da sua formação, não?

Não, veio de Campinas.

Não é da Antropologia inglesa?

Não, veio de Campinas, que era completamente dominada pelos marxistas. Eu vim de uma Antropologia muito combativa, mas não nesse sentido, mais anti-colonial, talvez.

Pois é, mas preocupada com a política. Era uma Antropologia política...

Certamente, havia a ideia de que era fundamental escrever sobre coisas que tivessem alguma “importância”, tentando desfazer mal-entendidos. Mas voltando ao que eu dizia, Bloomington foi muito incrível. Outra coisa que aconteceu nessa época foi a Rosemary, que inventa de fazer uma pesquisa sobre os Dzi Croquettes²⁰. Os Dzi Croquettes – nós achávamos e ainda acho – foram um acontecimento político da maior importância.

¹⁹ VANCE, Carole. “A antropologia redescobre a sexualidade”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, p. 7-32, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf>

²⁰ LOBERT, Rosemary. *A palavra mágica: a vida cotidiana dos Dzi Croquettes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

Você viu o filme? É bem legal para quem não viu os Dzi Croquettes na época.

Vi, é muito bom. Tem algumas entrevistas inúteis, mas tem coisas muito boas também.

Você assistiu ao vivo?

Várias vezes, era tiete. Depois, a nossa aluna Regina Müller vira “Dzi Croquetta”. Eu a resgatei com bolsa da FAPESP. Virou antropóloga de índio²¹.

Esse pedaço é nebuloso, do final dos anos 70 ao início dos anos 80...

É, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Também tinha a tese da Regina Mazzariol²² sobre a zona de prostituição em Viracopos, que eu orientei. Era uma tese absolutamente pioneira, na época. Aprendi muito sobre o pragmatismo sexual brasileiro, com as meninas prostituídas remetendo dinheiro e mantendo as famílias no interior.

Nesse caso, foi ela quem apareceu com o tema?

Sim. Eu ainda não sei como, éramos Verena²³ e eu. Não sei por que cargas d'água aconteceu isso; talvez a gente estivesse querendo inventar alguma coisa diferente, marcar distinção em relação ao Museu – ou talvez em relação à USP, não sei. Além dessa, tem outra tese que nunca foi publicada, da Rosângela²⁴, sobre aborto, que também foi muito reveladora para mim. Ela falou com poucas mulheres, mas essas poucas mulheres acabaram revelando várias motivações, algumas das quais eu não tinha pensado. Também muito pragmáticas, com a ideia de que a moral tinha que ser subserviente aos interesses do indivíduo – e da família, sobretudo.

²¹ MÜLLER, Regina. *A pintura do corpo e os ornamentos Xavantes : arte visual e comunicação social*. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1976. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000048376>

²² MAZZARIOL, Regina. *“Mal necessário”: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1976. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000048468>

²³ Verena Stolcke atualmente é professora do Departamento de História das Sociedades Precapitalistas e Antropologia Social da Universidad Autónoma de Barcelona. Foi professora da Unicamp entre 1970 e 1979.

²⁴ DI GIOVANNI, Rosangela. *Projetos de vida : um estudo das representações femininas do aborto*. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1983. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000047149>

Em alguma medida, tem a ver com uma certa perspectiva da Antropologia britânica, pelo pragmatismo...

Você se refere a essa distinção que o Nietzsche fazia entre o ideal e o real, por exemplo? Talvez. É uma coisa que de fato me chama muito a atenção aqui: como a moral é subserviente.

E a Mariza Corrêa²⁵?

Mariza era aluna da Verena.

E aí se estabelece um pólo sobre gênero e sexualidade que depois vai incorporar a Mariza, não?

Exato. A Verena tinha um interesse mais voltado para gênero e trabalho – a Suely vai escrever sobre empregadas domésticas²⁶. Mas depois eu parei de escrever sobre sexo, porque não queria ser “bicha”, mas antropólogo, em primeiro lugar. E eu acho que tinha outra coisa também. Você sai do armário para onde? É importante isso, porque você não sai vagando...

Segundo alguns, você sai para dentro de outro armário...

Pode ser. Mas era esse o meu medo: sair desse armário, militante ou acadêmico. Eu achava na época – como ainda acho – que no melhor de todos os mundos, é o sujeito que controla sua identidade, e não o mundo em volta. Sei que é impossível, mas eu achava que poderia, pelo menos, levantar a bandeira de uma alternativa às outras, apenas isso. Meu pai uma vez disse: “Pensei que você era homossexual”. Era a minha oportunidade de dizer para o meu pai que eu era, mas naquele instante eu pensei: “Não vou”, porque teria que explicar para ele que eu não acredito em todas as representações que se tem sobre essa palavra, que não concordo, então não falei nada. Não sei se era covardia minha, acho que não.

²⁵ Professora aposentada do Departamento de Antropologia da Unicamp. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU da mesma universidade. Integra o corpo docente da Área de Gênero no Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. Algumas publicações: *Morte em Família: Representações Jurídicas de Papéis Sexuais*. Rio de Janeiro: Graal, 1983; *Gênero e Cidadania*. 1. ed. Campinas: Pagu/Unicamp, 2002; *Vida em Família: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra” / Family Life: a comparative perspective on “crimes of honour”*. 1. ed. Campinas: Pagu/Unicamp, 2006.

²⁶ ALMEIDA, Maria Suely Kofes de. *Entre nós, os pobres, eles, os negros*. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1976. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000043439>

Você tem ideia de quando foi esse diálogo?

Foi antes de vir para o Brasil, deve ter sido em 68. Eu dava aula em Londres, na época.

Sabe o que é engraçado? Eu entrevistei o Júlio para esse mesmo projeto e ele contou de como começou a se envolver com o tema. Na verdade, ele não se envolveu academicamente com o tema, mas era amigo do Edward e falou que conhecia as coisas que você escrevia, mas que nunca trabalhou com isso academicamente porque achava que tinha que ter um engajamento político. Por isso, ele foi trabalhar com partido político e deixou a sexualidade como uma coisa paralela na vida dele. Não é que sexualidade não fosse um tema político, mas não era academicamente “legítimo”. Acompanhava vocês, mas trabalhava com a política...

Não enxergava a possibilidade de fazer política com isso?

Enxergava, mas nunca fazia. Ele falou que pensou várias vezes em fazer algum projeto no doutorado sobre isso, mas nunca fez.

Que interessante. De fato, o que aconteceu comigo em Campinas é que Luiz Mott²⁷ e eu éramos amigos – a gente brincava juntos no Carnaval e tudo –, quando um belo dia ele inventou de largar a vida de casado com filhos e assumir uma identidade muito visível. Eu disse para ele: “Mas Luiz, e a sua mulher?” Porque era minha aluna, eu estava preocupado por ela. Isso mais tarde ele interpretou como eu ser contra...

Eu já vi ele falando sobre isso em entrevistas...

Ele sempre cita. Mas somos amigos, agora. Eu espero, porque gosto dele e o respeito. Já conversamos sobre isso: fato é que eram dois caminhos radicalmente distintos. O Luiz assumiu uma identidade homossexual trans – trans-secular, trans-cultural etc., que é uma coisa que eu não consegui nem queria, mas reconheço que essa trajetória dele foi super importante, inclusive para mim.

²⁷ Professor titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e fundador do GGB (Grupo Gay da Bahia). Tem experiência na área de Antropologia e História, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e História das Religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: inquisição, homossexualidade, AIDS, homofobia e direitos humanos. Algumas publicações: *Homossexuais na Bahia: Dicionário Biográfico. Século XVI-XIX*, Salvador: Editora GGB, 1999 e *O crime anti-homossexual no Brasil*, Salvador: Editora GGB, 2002.

O Mott é um pouco o seu “outro”, não? Quando você diz: “Eu queria evitar isso”, o que você queria evitar era exatamente o que o Mott incorporou, que é o homossexual militante. No fundo, não pode deixar de ser uma relação tensa.

Claro, é meu alter-ego, de fato. Mas digo para ele que eu digo para mim mesmo que o mundo é muito grande; deve ter vários pontos de vista possíveis, não é?

De uma certa posição militante, deve ser muito incômodo, já que não se pode acusar você de enrustimento. Do ponto de vista da discussão política em torno da homossexualidade, é uma situação em que é essa a acusação, equivalente à falta de consciência, da alienação – algo que não podia ser dito sobre você, principalmente por conta do *Lampião*, que era uma coisa pública...

Não podia.

Você falou um pouco do interacionismo e eu estava pensando um pouco nas fontes, como a MacIntosh²⁸. Quando você encontrou esse texto?

Aqui mesmo. Ela, Becker, Weeks²⁹ e companhia. Isso implicava uma crítica que eu nunca fiz, de Margaret Mead e companhia. Eles tinham a ideia de que havia homossexuais que emergiam de formas distintas.

Que é a ideia da influência cultural, o que é muito interessante, porque a Carole Vance também critica essa ideia do universal biológico e da interpretação cultural. É interessante que vocês tenham se encontrado lá.

Mas tivemos essa mesma posição lá. É por isso que tivemos tanta dificuldade, era totalmente essencializado. Por isso, rimos tanto.

Você acabou botando no diálogo a Mary Douglas também. Não sei se essa junção entre interacionismo e Mary Douglas era algo tão comum.

Não, não era. O interacionismo era apenas uma maneira de perceber o processo através do qual os indivíduos se encaixam em determinadas categorias. A produção das categorias não faz parte do interacionismo: essa é a sua grande fraqueza como teoria. A Mary me dava essa perspectiva de uma Antropologia maussiana, durkheimiana, de pensar o mundo em termos de taxonomias e de produção de lugares estanques relacionados.

²⁸ Ver MACINTOSH, Mary. “The homosexual role”. *Social Problems*, n. 16, 1968.

²⁹ Jeffrey Weeks, historiador e sociólogo com pesquisas na temática da sexualidade. Autor de *Making Sexual History*, Cambridge Press, 2000, entre outros títulos.

Ela tem um fascínio pela ambiguidade...

Sim, através disso. Com o fascínio pela classificação e pela taxonomia, há um interesse pela ambiguidade. Mas isso não tinha nada a ver com o interacionismo.

Em relação a esses autores da época, tem mais algum que tenha sido importante?

O Kinsey talvez tenha sido o mais importante. Depois eu li muito sobre Kinsey, o que foi confirmando um pouco a minha suspeita: eu achei que ele tinha uma sensibilidade sociológica rara. No trecho em que ele fala sobre os *hustlers*, no volume sobre os homens, é de uma empatia total, porque ele vai dizer que não são homossexuais. Achei isso fantástico, porque me ajudava a começar a entender os michês daqui. Ele tem uma ideia, na minha cabeça, que é uma idéia absolutamente evolucionista. Você vai me perdoar, mas eu penso que as sociedades de grande dimorfismo de gênero tendem a produzir o mesmo dimorfismo entre os homens. Por isso você pode ter *berdache*, por exemplo, e aqui você pode ter travestis – é a coisa que Clastres³⁰ descreve, todos dizem a mesma coisa: você tem troca-troca na infância, há igualdade de gênero, e de vez em quando quem se sobressai são os homens que se tornam mulheres, menos os *hustlers*. Eu penso que é uma questão mesmo da modernidade, porque ela produz essa idéia de igualdade; começa a espinaftrar gênero e a coisa começa a mudar. Mas se você pega aquela classificação do Ulrichs – *weibling*, *mannling*, depois tem falso *mannling* e aquela categoria que é sexo em prisões –, a base da distinção é de gênero, e isso perdura. O que eu vi no Brasil, de fato, é o que deve ter sido em toda a cultura ibérica. Eu que achava que era específico ao Brasil, mas não é, longe de ser. Toda a América Latina e provavelmente todo o sistema ibérico são assim. Quando li esse pedacinho do Kinsey, ficou claro para mim que deve ter sido assim no século XIX nos Estados Unidos. Nunca estudei isso, é apenas uma sensação. Na época de Oscar Wilde, era assim: os meninos que ele adorava eram os meninos mais brutos, menos “homossexuais” que se podia imaginar – e eles o acusaram de ser sodomita, era essa a questão. Tem também um livro do Robinson³¹, que naquela época eu achei excelente, além do Weeks. Já estava se configurando a ideia de produzir uma análise sociológica

³⁰ Pierre Clastres, etnógrafo francês. Algumas publicações: *Arqueologia da Violência – Pesquisas de Antropologia Política*, São Paulo: Cosac & Naify, 2004, *A Sociedade contra o Estado*, São Paulo: Cosac & Naify, 2007 e *Crônica dos Índios Guayaki*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

³¹ Robinson, P. *A Modernização do Sexo*. New York, NY: Harper & Row, Publishers, 1976.

das categorias, não é isso? Já estava despontando. Evidentemente, deve ter sido novo na época – tanto é que, no livrinho que eu fiz com o Edward, gastamos séculos no início explicando porque vamos tirar dos braços da Psicologia e jogar na Sociologia.

O Kinsey se casa de uma maneira muito interessante com a Mary Douglas, porque ele ilumina o oposto. Quer dizer, confirma a idéia de um *continuum* no real...

Adoro aquela citação famosa dele que diz que o mundo não se divide em *sheep* e *goats*. É isso mesmo, lindo. Até hoje eu cito, constantemente. Mas acho que por mais que Kinsey tenha inventado o *continuum* entre homo e hetero, se ele tivesse sido brasileiro, teria sido um *continuum* entre efeminação e masculinidade.

Vamos passar? Começo dos anos 80, então...

No início dos anos 80, acaba o *Lampião* e minha carreira de escritor sobre sexo.

Mais ou menos, porque ainda tem o Febrônio³², não?

Não, Febrônio foi Campinas. Aquele artigo que escrevemos juntos é lindo, de vez em quando aparece citado³³. Febrônio foi em Campinas mesmo, e por causa da Mariza, que me chamou atenção para o artigo do Blaise Cendrars³⁴. Comentei isso com quem? Pode ter sido o Alexandre Eulálio³⁵, que era o especialista em Blaise Cendrars. Tem também aquele ensaio muito engraçado sobre cortiço³⁶...

³² FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: EULÁLIO, Alexandre et al. Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982. Pp. 65-80.

³³ CARRARA, S.; FRY, P. “As vicissitudes do liberalismo no Código Penal brasileiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 48-55, 1986.

³⁴ CALIL, C. A.; THIERIOT (Org.) Etc..., Etc... (Um livro 100% brasileiro). Antologia de textos de Blaise Cendrars São Paulo, Ed. Perspectiva/Secretaria de Estado da Cultura, 1976,

³⁵ Alexandre Eulálio, crítico literário e historiador, foi professor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas.

³⁶ FRY, P. “Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas”. In: EULÁLIO, A et alli (Orgs.) *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Esse artigo eu usei no último curso que eu dei; a gente leu inclusive o Adolfo Caminha. Com algum senso crítico, você vê que é muito mais complexo do que achar simplesmente que o bom crioulo está sendo apresentado na figura do degenerado. Ele até fala sobre isso, mas no fim do romance – não sei se você leu o *Bom Crioulo* –, você está com pena do bom crioulo e com raiva do outro...

Eu sinto isso, com certeza.

Só que aí atrapalha a idéia de que no fundo é um romance racista. Naquele texto, você vai apontar para isso e dizer: “A homossexualidade é mal vista no meio médico”. Só que alguns romances vão olhar a coisa de outro ângulo, com alguma variação, mesmo sendo romances naturalistas.

Você sabe que tem um excelente artigo sobre esse livro, do Robert Howes³⁷?

Acho que a gente leu esse artigo. Pegamos também outro que vai numa linha meio contrária, acusando o livro de ser racista por falar de sexo junto com a questão de raça...

Sabe por que eu acho que nunca fiz isso? Me parecia tão óbvio que tinha esse componente. Tem um livro do Peter Wade, lançado ano passado, que se chama *Race and sex in Latin America*³⁸. Eu tinha dito para ele que tinha que olhar para a questão do desejo, mas também para a tônica da coisa: a pressão, a sublimação, a crueldade...

Vamos passar para outra coisa, já que você não trabalha politicamente com a questão. Vamos falar da Fundação Ford. Em 85, você entra na Fundação e estava na posição de poder fomentar pesquisas. Como era a questão da sexualidade na Fundação?

A Fundação Ford estava, na época, totalmente obcecada com gênero e raça – todas as bolsas eram direcionadas a isso. Mas esqueci de um detalhe na minha vida sobre sexualidade: o encontro com Andrea Loyola³⁹, em Campinas. Andrea e eu achávamos que era interessante introduzir a questão da sexualidade na ABEP [Associação

³⁷ HOWES, Robert. “Raça e sexualidade transgressiva em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha”. *Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*. João Pessoa, vol. 7, N 2/1, 2005, p. 171-190.

³⁸ WADE, Peter. *Race and Sex in Latin America*. London: Pluto Press, 2009.

³⁹ Professora titular do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e directeur d'études invité da École des Hautes Études em Sciences Sociales. Algumas publicações: *AIDS e Sexualidade: o Ponto de Vista das Ciências Humanas*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 e *Bioética, Reprodução e Gênero na Sociedade Contemporânea*, Campinas/ Brasília: ABEP/ Letras Livres, 2005.

Brasileira de Estudos Populacionais]⁴⁰, onde ela ficava. Montamos uma discussão em um encontro da ABEP, não me lembro quando...

No início da década de 80. Tem um artigo do Perlongher, da ABEP, que se chama *Tipologia das homossexualidades*⁴¹. Acho que até o Luiz Fernando⁴² escreve um artigo⁴³; é um GT que teve vários trabalhos...

É, foi esse que nós organizamos. Não me lembro exatamente como isso aconteceu nem como terminou, mas não houve nenhuma continuidade. Deve ter sido quando eu entrei na Fundação – tinha um monte de coisa de gênero e estava começando uma coisa que eles chamavam de “Women's Health and Sexuality”. Eu não estava envolvido diretamente, mas tinha muita coisa a ver com aborto. Mas a sexualidade ficou mais evidente com a chegada do HIV, que começa a aparecer no Brasil exatamente nessa época, com a morte do Marquito⁴⁴, em 83. Logo em seguida, a Fundação Ford coloca verba para agir nesse campo.

Isso era uma orientação da Fundação Ford?

Sim. Cada escritório tinha que pensar uma forma criativa de usar esse dinheiro. Eu achava, na época, que o que tinha de ser feito era entender como essa pandemia estava acontecendo no Brasil, dadas as diferenças. Lembro de ter feito diagramas imaginários do vírus andando: enquanto nos Estados Unidos andava de A para B, de B para C, de C para D e para A de volta – e se concentrava novamente numa coisa chamada

⁴⁰ <http://www.abep.org>

⁴¹ PERLONGHER, Nestor. “A tipologia das homossexualidades numa pesquisa social”. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V01A10.pdf>. Anais do IV Encontro de Estudos Populacionais. Águas de São Pedro, 1986, v.1, p.193-212

⁴² Professor de Antropologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui uma série de trabalhos com ênfase em Construção Social da Pessoa, cobrindo temas tais como pessoa, identidade, doença, família, religião, natureza e modernidade. Algumas publicações: *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPq, 1986; em co-organização com Gilberto Velho, *Gerações, Família, Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2009.

⁴³ DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas. Anais do IV Encontro de Estudos Populacionais. Águas de São Pedro, 1984, v.1, p.607-642. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V01A26.pdf> Publicado também em Duarte, Luiz Fernando Dias. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES J. S. L. (Org.). *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura de classe trabalhadora*. São Paulo: Marco Zero/Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

⁴⁴ A morte do estilista Marquito é considerada como um dos marcos da chegada da epidemia de HIV/AIDS no Brasil.

“comunidade gay” –, no Brasil era de “Cicrano” para “Beltrana” e depois para “Beltrano”: havia a tendência, portanto, de se alastrar. Foi nesse momento que aparece o Richard Parker⁴⁵, que vem me visitar e vai escrever sobre sexualidade; já havia lido as minhas coisas e veio conversar comigo. Coloquei-o em contato com a Andrea para eles bolarem algum tipo de projeto de pesquisa na UERJ. Não sei a história subsequente, mas fiz as apresentações porque achava que o Richard tinha condições acadêmicas de produzir um projeto bem feito. O pessoal do Brasil ainda não tinha acesso nem à literatura anterior a isso.

Outra coisa que eu fiz foi apoiar a fundação da ABIA [Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS]⁴⁶. Também apoiávamos alguns núcleos GAPA [Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS]⁴⁷ – o GAPA de São Paulo me deu até uma placa de agradecimento. Nesse sentido, começou-se a mexer com o movimento gay, inclusive em São Paulo. Aqui no Rio de Janeiro, a fundação da ABIA foi muito interessante. Quando o Bruce⁴⁸, que era meu chefe, ficou doente, eu fiquei encarregado do escritório aqui no Rio e me dei conta de que o governo militar estava acabando e de que a Fundação Ford tinha que se redimensionar, porque já era fazer um monte de coisa, como trabalhar com o governo e as universidades. Além disso, estavam começando a surgir as tais ONGs – eu não sabia nada de ONG. Então fui me informar: é óbvio que fui falar com o Betinho⁴⁹ no IBASE [Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas]⁵⁰ que, com a FASE [Fundação de Atendimento Sócio-Educativo]⁵¹, é uma das “ONGs-mãe”. O Betinho me recebeu super bem, mas disse que não queria dinheiro americano. Quando

⁴⁵ Atualmente é professor titular e chefe do Department of Sociomedical Sciences e diretor do Center for Gender, Sexuality and Health na Mailman School of Public Health da Universidade Columbia em Nova Iorque, professor Adjunto no Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Voluntário da Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS. Algumas publicações: *Corpos prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*, São Paulo: Best Seller, 1996; em co-organização com Rosalind Petchesky e Albert Sember, *Políticas sobre Sexualidad: Reportes desde las líneas del frente* (2004, disponível em: <http://www.sxpolitics.org/frontlines/espanol/book/index.php>). Em co-autoria com Sonia Correa e Rosalind Petchesky, *Sexuality, Health and Human Rights* (Routledge, 2008).

⁴⁶ <http://www.abiaids.org.br>

⁴⁷ <http://www.gapabrsp.org.br/>

⁴⁸ Bruce Bushey, então representante da Fundação Ford.

⁴⁹ Herbert José de Souza fundou o Ibase em 1981. Sociólogo de formação, liderou campanhas de combate à fome e a favor da reforma agrária nos anos 90.

⁵⁰ <http://www.ibase.org.br/>

⁵¹ <http://www.fase.org.br/>

veio a ABIA, ele aceitou. Foi muito interessante, ele achou que lá podia. Fiquei muito satisfeito, porque eu achava que era dinheiro muito bem investido numa associação.

Havia uma outra coisa que estava acontecendo no mesmo momento: a AIDS já aparece como câncer gay. Sai o artigo da Sontag⁵²; já começa a sair esse tipo de crítica, de preocupação, que eu achava que tinha de ser implantada no Brasil. A ABIA era perfeita, porque lá tinha hemofílico, tinha padre, era um grupo eclético, que “des-homossexualizava” a coisa, já que o programa do governo vai homossexualizar muito – embora depois “des-homossexualize”. Nessa época, fui a Brasília tentar falar com a Lair Guerra de Macedo⁵³ para concatená-la com a ABIA. Não foi fácil, mas fui com a Carmita e aproveitei muito as minhas relações: botei-a em contato com o Betinho e logo ela entrou.

E o Herbert Daniel⁵⁴?

Pois é, o James Green⁵⁵ me perguntou sobre isso. Eu não sei, não conheci o Herbert Daniel. É uma coisa que até hoje eu não consigo entender...

Posso explicar: é que o Herbert Daniel foi capturado nessa rede pela Carmita, porque ela chegou fazer observação no *Somos* do Rio. No livro do Herbert Daniel – aquele com a Leila Mícoolis⁵⁶ – tem um momento que eu acho muito interessante, quando ele está contando sobre o “racha” que houve no *Somos*-Rio.

Claro, sempre houve...

⁵² SONTAG, Susan. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁵³ Lair Guerra foi coordenadora do Plano Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde entre 1986 e 1996. Em sua gestão a medicação antirretroviral passou a ser distribuída gratuitamente.

⁵⁴ Herbert Daniel, sociólogo e escritor, militou contra a ditadura no Brasil e em prol dos direitos dos homossexuais. Em 1992, morreu em decorrência da AIDS.

⁵⁵ Atualmente é professor de história e estudos brasileiros na Brown University. Foi um dos fundadores do *Grupo Somos*. Algumas publicações: Green, J. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000. *Apesar de Vocês: a oposição e a ditadura militar brasileira nos EUA*, São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

⁵⁶ DANIEL, Herbert & MÍCCOLIS, Leila. *Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achamé-Socii, 1983.

Ele não nomeia, mas diz que o “racha” foi motivado por conta de uma antropóloga que foi estudar homossexualidade. Uma parte do grupo concordava com a presença dela, e a outra parte, que não concordava, virou o *Outra Coisa*, de Niterói. Entre essas pessoas estava o Daniel, que viria depois a trabalhar com a Carmita na ABIA. É engraçado como os antropólogos estão dentro do processo político desde o seu início, produzindo “racha”...

Sim, fascinante. E depois vai compondo, pelo jeito.

É, porque a Carmita faz uma pesquisa na ABIA...

Sim. E a Fundação Ford financiava pesquisa. Eu achava que a Fundação não tinha condições de produzir remédios nem nada de medicina, mas poderia pelo menos produzir uma inteligência sobre essa questão.

E produziu, porque a ABIA, num certo sentido, vai moldar o que vai ser o sucesso do programa brasileiro, a ABIA constrói um modelo.

Mas na época eu tive receios terríveis. Nessa época, o Eduardo⁵⁷, meu melhor amigo, se torna HIV positivo e morre em 90. Mais tarde, quando já estou na África – 89, 90 –, eu vejo o crescimento de uma indústria derivada desta pandemia, que me dava nojo. Conheci pessoas indo para congresso em Helsinki, viajando o mundo, fazendo um monte de coisa, gastando fortunas, e meu amigo morrendo. Isso me dava uma raiva!

Eram os *AIDS profiteers*...

Me dava muita raiva, mas fiz parte disso. Essas pessoas estão quantificando, escrevendo textos sobre o que todo mundo sabia, quando este dinheiro deveria estar todo investido na produção de remédios, de medicamentos. Tinha muita gente escrevendo coisas óbvias, banais. Havia alguns artigos-chave, o da Sontag era um deles. Fora isso, era muita repetição. Outra coisa que eu achei muito interessante nessa época era como os movimentistas conseguiam canalizar esses fundos para a consolidação de movimentos. Achei particularmente interessante, porque o movimento homossexual morre e ressuscita com o dinheiro da AIDS. Pode ser um simplismo, talvez...

⁵⁷ Eduardo Guimarães de Carvalho, autor de *O Negócio da Terra*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1991.

Em certa medida, é isso. E morre também um pouco por conta da AIDS. Agora, alguns movimentos nascem aí, como o movimento de travestis.

Eu quero botar um “codicilo”: ao escapar de escrever sobre “bichice”, acabei me mobilizando sobre a questão racial. E isso por causa da minha passagem mais recente pela África.

Talvez você quisesse um assunto menos político...

Pois é. Mas aquela experiência na África foi marcante – só lá eu consegui perceber que o Brasil tinha um trunfo na manga. Por que razões foram produzidas essas ideologias de mistura, não interessa: eu achava que era um trunfo que o Brasil estava jogando fora. Isso contaminou a minha cabeça e tudo o que eu fiz desde que eu voltei para o Brasil, além de ter me criado muito sofrimento. Uma vez na Bahia eu estava falando sobre essa questão num anfiteatro e as pessoas começaram a me bombardear. Aí eu apelei para a minha “bichice” e silencieei as pessoas. Ao me identificar com uma minoria, eu teria uma certa autoridade, porque também era “oprimido”. Foi maldade minha, mas fiz questão de fazer isso – não assim, mas de uma maneira um pouco mais sutil. Teve outra vez, também na Bahia, dois anos atrás. Fui examinar uma tese de mestrado – muito boa, aliás – sobre o negro trabalhador, e Lívio Sansone,⁵⁸ me pediu para fazer uma palestra naquele centro de estudos afro-orientais. Tive medo, mas já que ele estava me convidando, eu fui. Resolvi falar sobre orientação sexual e raça, as duas coisas – aliás, já escrevi um artigo sobre isso e mandei para a Verena, que me convidou para um congresso sobre natureza e cultura. Foi muito engraçado, porque ao falar dos dois assuntos, demonstrando que correm paralelos, esquece-se de voltar ao Foucault, que de fato vai ser o primeiro a dizer isso. Não houve nem um pio, ninguém achou que tinha a ver. Eu mostrei que essas duas questões correm paralelas, que as identidades são produzidas e que há consequências. Me dei conta de que agora que eu estou aposentado, posso voltar a escrever sobre “bichice”.

⁵⁸ Professor de antropologia da Universidade Federal da Bahia. Algumas publicações: *Negritude sem etnicidade*. Rio de Janeiro e Salvador: Pallas e EDUFBA, 2004; *Raça: novas perspectivas antropológicas*, Salvador: Edufba, 2008, organização em parceria com Osmundo Pinho e Multiculturalismo, Estado e modernidade - As nuances em alguns países europeus e o debate no Brasil, *Dados*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, p. 535-555, 2003.

Mas também por se envolver sexualmente com o seu objeto, no caso da Ruth Landes...

Ela se envolveu sexualmente?

Com o Edison⁵⁹. Você acha que não?

Provavelmente sim, mas não tem nenhuma relevância, a não ser que tenha sido através disso que o Edison abriu tanto seu coração para ela...

Tem relevância no olhar do outro, talvez...

Deles, com certeza. Sempre a criticaram, chamavam ela de *nigger lover*. Mas foi o Edison quem abriu o candomblé para ela.

Embora ela não diga claramente no livro, você vê que eles têm uma relação muito próxima, muito íntima.

Muito. E ela era uma mulher muito bonita. Imagina ela na Rua Chile de saias curtas, saltos altíssimos, muita maquiagem. Todo mundo ia achar que era prostituta. Já exauri?

Tem uma coisa mais específica sobre a evolução desses temas, nos anos recentes, sobre sexualidade e direitos. O que você pensa da situação atual, das discussões atuais? Pode ser um pouco indiscreto, mas o que você acha das reverberações que teve esse seu trabalho? Afinal, “Fry, 1982” é citado *ad nauseam* em tudo...

Minha tristeza é não ter percebido na época que o Brasil não era “Brasil”. E, surpreendentemente, ninguém – aí, vou ter que escrever sobre o que eu achava que era o Brasil antes que qualquer pessoa o faça. Não conheci a Colômbia nem o México, mas são todos muito parecidos, não é? É só isso que me dá uma certa aflição, porque a coisa que escrevi sobre hierarquia e igualdade acho que é válida. Isso eu tenho a agradecer ao Luiz Fernando, do Museu Nacional. Você fala de influência: isso foi super importante, porque eles me abriram o olho via Louis Dumont. Acho que Becker me abriu o olho sobre a constituição das especificidades, e Dumont, para nós mesmos; isso mudou minha maneira de olhar para a África, quando voltei para lá. Pode ser que aquela leitura seja absolutamente errada, não tem importância – é uma leitura que me fez entender a

⁵⁹ Foi escritor voltado aos temas “afro-brasileiros” e parceiro da antropóloga Ruth Landes em sua pesquisa de campo em Salvador. Algumas publicações: *Negros Bantos*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937, *O Quilombo dos Palmares*, Editora Brasiliense, São Paulo 1947 e *Antologia do Negro Brasileiro*, Editora Globo, Porto Alegre, 1950.

África de outra maneira. Comecei, dentro da África, a entender a emergência de uma elite urbana nesses termos, além dos conflitos que eles têm com os outros, em outros termos.

De algum modo, o trabalho sobre sexualidade te deu uma matriz para pensar outras coisas, é interessante.

Mas é mesmo, porque a questão de hierarquia e de gênero que fica encapsulada naquelas relações tradicionais brasileiras é um exemplo clássico de hierarquia, não? É a mesma coisa com a questão racial – lá na África, era uma coisa hierárquica braba, de subordinação. Com certeza, o trabalho sobre sexualidade me deu uma matriz – e esse contato com o Luiz Fernando Dias Duarte e o Gilberto Velho⁶⁰ foi realmente um ponto de virada. Eu comecei a ler sobre homossexualidade em geral e perceber que o que eu vi aqui não é “brasileiro”. Acho que isso é uma chave que abre muitas portas. Quando estava escrevendo essa coisa para a Verena e fui ver de novo Ulrichs, foi incrível – as categorias são exatamente as mesmas. Tudo em alemão, mas são as mesmas: “falso macho”, aquele que aprende, tudo isso.

Nas entrevistas, fala-se muito pouco sobre raça. Conte um pouquinho desse artigo que você falou que fez agora, sobre orientação sexual e raça correndo em paralelo.

Essa questão de raça aparece junto com homossexualidade no ativismo em São Paulo na década de 70, com aquele grupo que saiu do *Somos*, o *Adé-Dudu*. Era bem pequenininho e eu fiquei imaginando na época o que seria específico, mas nunca descobri. Depois, tem muita coisa escrita sobre o dito machismo dos negros em relação aos homens brancos – aí o Luiz Mott vai acusar o Zumbi de ser bicha, é muito engraçado. O que aconteceu é que a Verena me convidou para uma coisa que ela organizou na Universidade Autônoma de Barcelona, chamada *Naturaleza y cultura*, alguma coisa assim. Eu falei que não sabia nada sobre isso, mas tive a idéia, a partir de Foucault, de olhar para a ciência falando sobre raça e orientação sexual. A coisa de raça eu já tinha nas pontas dos dedos, por causa da pesquisa recente de DNA etc., mas a

⁶⁰ Professor titular de antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialista em antropologia urbana. Principais publicações: *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973; *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*, Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998; com Luiz Fernando Dias Duarte, *Gerações, família, sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009 e *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras*, Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

coisa do sexo não tinha, então quem me ajudou foi a Marina⁶¹, aluna da Jane Russo. Rapidamente, fiz mais uma pesquisa – basicamente de internet –, e fiquei absolutamente fascinado, porque de fato não tem nada a ver com homossexualidade, tem a ver com efeminação.

O que eu descobri é que se você olha para raça, a ciência *mainstream* vai cada vez mais negá-la como conceito científico – isso é empregado na biologia e, mais radicalmente ainda, como conceito inoperante no que diz respeito à saúde, a não ser em relação à discriminação. Biologicamente faz sentido, então existe isso. Mas quando você olha para a farmacologia e a produção de conhecimento prático na ciência, isso volta. Tem dois exemplos muito incríveis – um deles é um remédio que se chama *Bidil*, um remédio que supostamente funciona para aliviar pressão alta entre os *african americans*. A história é fantástica, porque esse remédio era para todos, mas sua patente caducou e o dono reintroduziu o remédio com outro nome, específico para *african americans* – fizeram uma pesquisa e provaram que os usuários que se auto-identificavam como *african americans* tinham menos problemas de coração do que a população em geral. Não tem nenhum grupo de controle de brancos americanos, é um escândalo.

Isso vai para a FDA (Food and Drug Administration) e dois antropólogos assistem à reunião: um antropólogo físico – David Goodman, que na época era presidente da *American Anthropological Association* –, e mais um. Eles escreveram um pequeno artigo no jornal popularesco da AAA sobre essa reunião que é muito revelador, porque lá estava o *lobby* da Associação de Cardiologistas Negros defendendo o remédio, que é aprovado; fiquei espantado. Depois disso, tem o trabalho de uma antropóloga que eu conheci através do Ricardo Ventura: ela tem uma pesquisa genialíssima em laboratórios de produção de fármacos. Ela faz como Latour⁶²: fica dentro do laboratório fazendo a pesquisa e, quando já conhece muito bem as pessoas, começa a indagá-las sobre raça, já que todos têm raça como variável. É engraçadíssimo, porque eles são cientistas, mas não sabem responder, é fantástico.

⁶¹ Marina Nucci, mestre em Ciências Humanas e Saúde pelo Instituto de Medicina Social da UERJ e doutoranda pelo mesmo programa.

⁶² Bruno Latour, professor do Institut d'Études Politiques de Paris. Algumas publicações: *Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997 e *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*, Rio de Janeiro: Edições 34, 1994.

Eles não entendem de raça...

Não entendem. É uma categoria que eles usam sem nunca ter definido. Achei genial e olhei para as pesquisas sobre orientação sexual: o que eles publicam nessas grandes revistas como a *Science* são essas coisas, buscando explicações na genética sobre a homossexualidade, com o mesmo defeito: quem são os homossexuais, ninguém sabe. Às vezes, se referem ao Kinsey, ao *continuum*, mas logo esquecem. Tem muitos paralelos, mas a diferença é que dentro dessa ciência há uma idéia, de novo, de duas categorias estanques, e procuram uma razão biológica que obviamente naturaliza essas categorias.